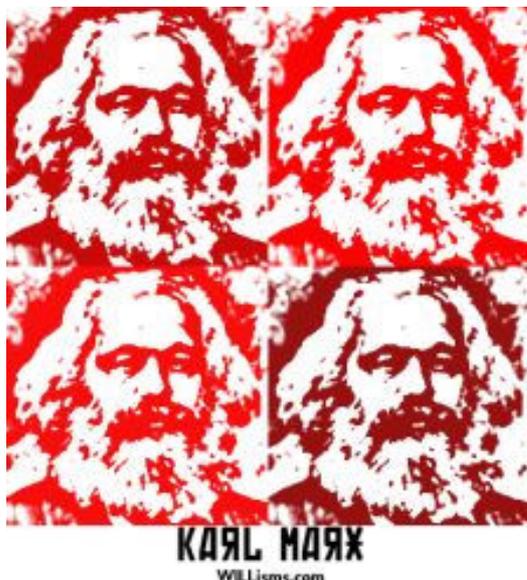


Lições políticas de liberdade

Celso Prado Ferraz Carvalho* & Carlos Bauer**

Resumo: Para os que lutam pelo socialismo a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha abriram um período de novas oportunidades históricas e lições políticas que jamais poderiam ser esquecidas ou abandonadas! Dentre elas, aquelas que nos cobram muita firmeza ideológica no combate aos avanços do imperialismo mundial e, simultaneamente, capacidade teórica e militante no questionamento e superação do stalinismo e das forças contra-revolucionárias incrustadas no movimento internacional dos trabalhadores e da juventude socialista. Esse artigo tem por objetivo problematizar de forma inicial a dimensão política desses acontecimentos e as perspectivas que eles abrem para a revolução.

Palavras Chave: Marxismo; Socialismo; Revolução; Muro de Berlim



Introdução

Dos acontecimentos que marcaram os fins do século XX e trouxeram à cena os permanentes combates da juventude e dos trabalhadores pela construção de um mundo justo e solidário, a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha são, talvez, alguns dos mais emblemáticos e significativos historicamente falando.

Esses episódios inseparáveis também se mostram como uns daqueles raros instantes em que temos a clara e translúcida dimensão de que somos, de

fato, produtos e produtores da história, e dela não podemos esperar mais do que lições perturbadoras e questionadoras do senso comum que todos assolam!

Além do mais, para toda uma geração que vinha temperando sua trajetória política criticando a hegemonia do stalinismo nos movimentos da juventude e dos trabalhadores, a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha sinalizavam uma inequívoca possibilidade de se colocar na ordem do dia a crítica as teorias catastróficas da economia mundial. E, ao mesmo tempo, questionar os métodos beligerantes e os ataques contra-revolucionários perpetrados pelo capital contra os povos do Oriente Médio, América Central, África, stricto sensu, retomando política e dialeticamente o que havia significado os acordos perpetrados pelos *grandes*, nos primeiros dias de fevereiro de 1945, em Yalta.

Acordos esses, pelos quais Stalin, Roosevelt e Churchill desenharam o que viria a ser, entre outras coisas, a imposição de uma rendição incondicional e humilhante aos alemães, pela qual o vosso país seria desarmado e desmilitarizado, desmembrado e

ocupado militarmente pelas potências vitoriosas, inclusive, pela França que conseguiu um lugar na comissão de controle ao lado da URSS, Reino Unido e EUA, e também passaria a exigir reparações pelos danos causados pelas hostilidades germânicas.

Logo depois, em apenas poucos e tensos anos, viriam a Conferência de Potsdam, a elaboração da Doutrina Truman e do Plano Marshall, o bloqueio de Berlim e a constituição, a partir do seu levantamento, em maio de 1949, da República Federal da Alemanha, reunindo em um novo Estado as zonas de ocupação ocidentais e tendo Bonn por capital.

Ato contínuo, no mês de outubro, foi erigido à República Democrática Alemã, no lado soviético, tendo Berlim oriental por capital. A Alemanha estava formal e politicamente dividida, produzindo algo que não temos outra forma de caracterizar exceto como um cárcere de povos, uma excrescência histórica!

A queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha, para os que lutam pelo socialismo com liberdade, abriam um período de novas oportunidades históricas e lições políticas que jamais poderiam ser esquecidas ou abandonadas! Dentre elas, aquelas que nos cobram muita firmeza ideológica no combate aos avanços do imperialismo mundial e, simultaneamente, capacidade teórica e militante no questionamento e superação do stalinismo e das forças contra-revolucionárias incrustadas no movimento internacional dos trabalhadores e da juventude socialista.

Uma lição que jamais poderia ser esquecida

Quando naquele não tão longínquo novembro de 1989 foi liberada a

passagem entre as duas partes de Berlim, imediata e espontaneamente aquela verdadeira muralha – que havia sido erigida vergonhosamente pelos artífices da guerra fria, causadora de tantos infortúnios sociais e mortes dos que haviam ousado suplantá-la – começou a ser posta abaixo pela população ávida por reintegrar o povo alemão com as próprias mãos e instrumentos rudimentares de trabalho, tínhamos uma lição política de liberdade que jamais poderia ser esquecida!

Como se sabe como subproduto calculista e acordado pelas potências que produziram e preconizaram a chamada Guerra Fria, em 1960 o governo pro soviético do setor oriental decidiu construir um *muro* em torno de Berlim ou ainda elevar grades eletrificadas ao longo de toda pseudofronteira de mais de 2000 quilômetros entre os *dois* lados da Alemanha. Assim, em nossa opinião, tínhamos a produção do mais fantasmagórico cárcere de povos que a história contemporânea até então foi capaz de produzir.

Histórica e socialmente falando não tínhamos a construção de uma cidadela socialista encravada no coração do mundo capitalista, mas os frutos degenerados e estéreis das políticas e pactos firmados entre os herdeiros burocráticos e militares do stalinismo e os representantes das potências ocidentais do capital.

O problema é que, para muitos de nós, socialistas, o que estava em jogo era a formação de repúblicas democráticas e populares sob inspiração e apoio soviético, não apenas do lado oriental de Berlim, como também na Polônia, na Iugoslávia, na Albânia, na Bulgária, na Romênia, na Tchecoslováquia e Hungria.

Ledo, engano! Naquele momento histórico, o que estava em jogo na Alemanha não era liquidação revolucionária do capitalismo, mas a efetivação dos pactos firmados entre o imperialismo e o aparato burocrático estatal militar soviético culminando no aprisionamento de amplos contingentes de sua população.

Isso precisa ser reconhecido e assumido como parte da história de todos aqueles que lutam pelo socialismo, pois para analisar as possibilidades de lograr a liquidação revolucionária da ordem capitalista, não consideramos somente as potencialidades da classe trabalhadora “em si”. Independentemente de quais são as condições gerais de uma época de crise, guerras e revoluções que proporcionaram as premissas objetivas para a revolução socialista, esta não pode triunfar sem o amadurecimento do fator subjetivo e da compreensão dos princípios imprescindíveis à construção da nova civilização – na qual os meios são partes inseparáveis dos fins, jamais justificadores da realidade a qualquer preço! Em nossa opinião, é por este fator que se explica a sobrevivência parasitária do capitalismo ao longo do século XX e primórdios do XXI.

Em 1917, com o triunfo da revolução de outubro, Lênin sustentou que a época de crises, guerras e revoluções, era também uma época da revolução socialista. Com o predomínio das perspectivas stalinistas à frente do movimento operário internacional e com vitórias do fascismo a partir da década de 1930, Trotsky (1985) afirmou em muito de seus escritos preocupados com a formulação de um *programa de transição que a crise da humanidade poderia ser resumida na crise da direção revolucionária do proletariado*. Esse autor também prognosticou que

mesmo a guerra poderia proporcionar enormes possibilidades para superação da própria barbárie que ele engendrara mediante a transformação da IV Internacional em uma força de massas.

Sem dúvida, muito embora muitos processos revolucionários tenham se instalado e apontado um caminho alternativo à guerra, com o predomínio do stalinismo, em vez de assistirmos o colapso da barbárie capitalista, saiu fortalecida a guerra. Os anos do pós-guerra, aqueles firmados pela “ordem de Yalta”, assistiram um fortalecimento qualitativo das direções contra-revolucionárias do movimento operário, da juventude e dos trabalhadores da cidade e do campo formada por stalinistas, sociais democratas, nacionalistas e pequenos burgueses, fomentando as ilusões das massas nas estratégias de conciliação de classe, do reformismo e da coexistência com o imperialismo.

Graças ao papel desempenhado pelos stalinistas a perspectiva da revolução socialista acabou sendo alijada ou abortada dos principais países do mundo ocidental. Porém estas se produziram nestes mesmos anos nos países periféricos do capitalismo. Grandes revoluções invadiram o mundo das colônias e das antigas colônias, vindo manifestar-se à dinâmica preconizada por Trotsky em sua obra *A revolução permanente* nas revoluções iugoslava, chinesa, cubana e vietnamita, porém nas condições em que a classe trabalhadora não foi o sujeito social dirigente, senão um incipiente proletariado e um campesinato completamente pauperizado.

Além do que a direção destes movimentos sempre esteve nas mãos de direções nacionalistas, pequenas burguesas ou stalinistas assumidamente inimigas da estratégia da revolução

socialista internacional, o que evitou que estas revoluções pudessem significar saltos progressivos na superação da crise numa perspectiva socialista.

Durante a presença e o crescimento das lutas da juventude e dos trabalhadores produzido entre 1968 e 1976 a hegemonia das direções reformistas foi abertamente questionada. Contudo, se fortaleceram contra elas castristas, maoístas, centristas de toda espécie, e foquistas que falavam em nome do marxismo revolucionário, ou tiveram estratégias diretamente oportunistas (maoísmo) ou foram completamente incapazes de apresentar uma estratégia revolucionária conseqüente com a efetiva construção do socialismo.

Com o lançamento da ofensiva neoliberal, no início da década de 1980, as direções tradicionais consagradas pelo pacto de Yalta mostraram sua falência mais absoluta. Os governos assumidamente sociais democratas da Espanha, França e de outros países se transformaram em aplicadores da mesma política que Reagan e Thatcher, neste período os burocratas stalinistas abraçaram cada vez mais abertamente a perspectiva da restauração capitalista.

Também poderíamos recordar que os levantes revolucionários da ex-URSS e da Europa do leste desafiaram abertamente esta perspectiva, porém foram rapidamente abortados nestes países ou derrotados sangrentamente como aconteceu na China, em maio de 1989, quando milhares de pessoas foi às ruas e praças de todo país, exigindo liberdade de manifestação, o fim da corrupção e dos privilégios da burocracia governamental.

Esse movimento ficou conhecido mundialmente como a *Primavera de Pequim*, pois, logo em seguida, em

junho, o governo chinês reagiu com extrema violência e aos olhos da opinião pública mundial, reprimiu os jovens que faziam parte desse movimento com tropas armadas. Sem falar ainda dos blindados que avançaram sobre os manifestantes que, ironias da história à parte, ocupavam a Praça da Paz Celestial, em Pequim, matando-os e prendendo-os fria e arbitrariamente!

A previsão de Trotsky de que sem uma revolução política não seria barrado o papel contra-revolucionário assumido pela burocracia stalinista e, conseqüentemente, esta se transformaria mais e mais em agente direto da restauração capitalista não é uma mera hipótese política!

O giro à direita da social democracia e o salto dos agentes diretos da restauração capitalista dado pelos stalinistas provocou a desmoralização de milhões de trabalhadores que haviam confiado nestas direções. Mas foram elas que mancharam de sangue operário e da juventude as bandeiras do socialismo e do marxismo em diferentes lugares do mundo, também, acabaram permitindo que a burguesia lançasse sua campanha ideológica sobre a “morte do socialismo” e o “triunfo da democracia e da economia de mercado” fosse propalado como há muito tempo não se via.

Muitas correntes políticas que falavam em nome do marxismo revolucionário, buscando aparecer como uma alternativa ao desmonte stalinista aumentava sua confusão centrista e em sua quase totalidade estacionaram diante destes acontecimentos.

Inclusive muitas correntes do marxismo durante os anos de Yalta, em diferentes lugares do mundo, chegaram a sustentar de acordo com a visão propiciada tanto

pela burguesia mundial, como pela social democracia e pelo que sobrou das organizações stalinistas que “havia chegado ao seu fim à era aberta pela *revolução de outubro*”.

Ou ainda e, por conta disso, que já não era mais possível traçar barreiras políticas nítidas e intransponíveis “entre reformistas e revolucionários”. Impulsionando, desta forma e com esses argumentos, a dissolução da grande maioria de suas organizações revolucionárias em estruturas políticas reformistas comuns com maoístas, ex-stalinistas, sociais democratas, nacionalistas burgueses e pequeno-burgueses diretamente preocupados com a gestão parlamentar e institucional dos países capitalistas.

Com a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha, para muitos as perspectivas do socialismo e da revolução apareciam definitivamente manchadas ou superadas historicamente e, com isso, o movimento operário alcançou um dos momentos mais baixos de subjetividade de sua história.

Contra muitos setores da esquerda, temos que sustentar que, em que pese o fato das condições imediatas se mostrem desfavoráveis, com as derrotas e as confusões políticas que assolaram o movimento socialista internacional, dialeticamente, as perspectivas estratégicas se ampliaram para a superação da crise de direção revolucionária e abriram as portas da imaginação política socialista.

Aqui é preciso lembrar que a queda do stalinismo havia dado lugar à instalação de governos restauracionistas e suscetíveis aos contraditórios desígnios do capital na ex-URSS. De fato, o colapso do aparato stalinista mundial agudou a crise do domínio imperialista já que liberou a espontaneidade das

massas como os episódios da queda do Muro de Berlim a reunificação da Alemanha deixam antever.

E, neste sentido, afirmamos que se abriu uma nova etapa histórica capaz de superar a lógica produzida a partir de Yalta e Potsdam de episódios e acontecimentos que fortaleciam as direções inimigas da revolução socialista e produziam, no seio da sua vanguarda internacionalista, o que podemos denominar de uma situação de impasses estratégicos.

Considerações finais

Para nos é importante assinalar que as revoluções e lutas políticas desencadeadas a partir de 1989 abriram um período inusitado da luta de classes, mesmo que no meio de uma enorme crise de subjetividade, manifestando-se em revoltas nas mais variadas regiões do mundo. Estas expressavam de forma elementar um aumento na resistência das massas contra a opressão produzida pelo capital e, simultaneamente, sinalizavam a necessidade da superação histórica das direções stalinistas no seio das classes trabalhadoras.

A contra ofensiva das massas que vimos se desenvolver em vários países desde então, com uma marcada tendência à luta política dos trabalhadores, confirmou, contra os prognósticos de diferentes setores da esquerda, que a partir de 1989 se abriu, mesmo que tortuosamente, uma dinâmica ascendente da luta de classes.

Este importante incremento nas lutas dos trabalhadores, com a realização de greves gerais nos cinco continentes, não chegou, contudo, aos mesmos níveis da luta de classes como aqueles que se produziram no período compreendido entre 1968 e 1976. Sobretudo foram muito limitados da experiência de radicalização política de setores

consideráveis da vanguarda, os que permitiram um salto na colaboração contra-revolucionária entre social democratas e stalinistas, que vinha decrescendo desde o colapso da ex-URSS e, agora, reforçados lograram desviar estes processos de lutas diretas para o terreno eleitoral.

Estas direções se compuseram para evitar que as ações da juventude e dos trabalhadores do campo e da cidade tomassem um rumo revolucionário e aproveitaram o repúdio das grandes massas aos governos aplicadores dos planos neoliberais para assumir a administração pública dos negócios capitalista em diferentes países, particularmente, na periferia do capitalismo.

Este processo de luta de massas provocou também o fortalecimento de vários sindicatos, centrais sindicais e o surgimento de partidos e outros instrumentos políticos, porém sempre sob o controle de direções burocráticas servis aos interesses patronais. É assim que, as grandes ações revolucionárias do movimento operário, que se desenvolveram, pelo menos, desde os fins da década de 1980, não deram lugar a uma regeneração revolucionária do movimento internacional dos trabalhadores. E sim, por ora, a um processo oposto à mesma, de “recomposição reformista”, de

fortalecimento das mediações contra-revolucionárias encarregadas de evitar toda perspectiva de que o proletariado avance em direção de sua independência política e social.

Todavia, mais cedo, ou mais tarde, as condições subjetivas serão superadas e as classes trabalhadoras e a juventude deverão afrontar definitivamente a crise capitalista apontando uma alternativa revolucionária a toda humanidade.

Por isso, os processos históricos e políticos que culminaram com a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha são lições políticas imprescindíveis e jamais deveriam ser esquecidas por todos os que se opõem ao obscurantismo, a barbárie e lutam pela construção do socialismo com liberdade como uma grandiosa tarefa histórica e social. Pois, como proclama poeticamente Rosa Luxemburgo “não nos falta nada, minha mulher, meu filho, a não ser tudo que cresce através de nós, para sermos livres como os pássaros: nada, a não ser tempo!” (LUXEMBURGO, *apud.* LOUREIRO, 1999, p. 61)

Referências

- LOUREIRO, I. M. Rosa Luxemburgo. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- TROTSKY, L. A revolução permanente. São Paulo: Kairós, 1985.

* **CELSO PRADO FERRAZ CARVALHO** é Professor do PPGE - Departamento de Educação - Uninove-SP.

** **CARLOS BAUER** é Professor do PPGE - Departamento de Educação - Uninove-SP.